

A PREPARAÇÃO PARA A GUERRA

Gen. A. CASTRO NASCIMENTO

"A Nação, organizando-se para a guerra, está também se preparando para uma vida melhor." (Gen. Div. T. A. Araújo).

Os homens ainda que inconscientemente, trazem em sua existência um roteiro. Seu ideal é a meta. As Nações, qualquer que seja sua importância, grandes ou pequenas, fortes ou fracas, também procuram u'a meta. Chama-se a esta — **OBJETIVO POLÍTICO.**

O Objetivo Político Nacional representa a aspiração suprema, baseado nas necessidades políticas, económicas, geográficas e ideológicas da Nação.

Sob outro aspecto, é uma aspiração de domínio das nações no conceito nacional ou continental, decorrente da necessidade de reivindicações de territórios perdidos, expansão territorial, aquisição de mercados, hegemonia política. Exemplo contemporâneo: a Rússia com a sua doutrina comunista, imposições de doutrinas sociais e económicas; exemplo de certos países totalitários impondo suas idéias de conquista através de tratados económicos e comerciais humilhantes.

Nosso país, como muitos outros da América, dotado de riquezas ainda inexploradas e com imensa superfície em relação à sua população, com grandes quistos estrangeiros próximos às nossas fronteiras e com fatores de desagregação impostos pelas influências políticas e adversas, tem carecido de objetivos positivos em sua política de guerra.

O altruísmo e acentuado pacifismo tem caracterizado nossa tradição política com os outros povos irmãos.

Nunca os pacifistas de casaca desejaram a guerra; fomos arrasta-

dos ao grande conflito mundial por agressão aos nossos barcos e por motivo de compromissos internacionais, porém, nossa condição de povo favorecido pela natureza nos impõe certos deveres:

— Saber defender o legado que nos deixaram os nossos antepassados.

Estarão os países dispostos a viver em paz?

O panorama do mundo não confirma essa assertiva.

Os países ocidentais liderados pelos Estados Unidos procuram, por todos os meios, conquistar a paz através de sua política internacional. No entanto, vemos do outro lado, a Rússia com seus países satélites, querendo impor a sua doutrina ao mundo, perturbando tôdas as tentativas em prol da paz.

O caso da Alemanha, da Grécia, da Iugoslávia e da China, está desafiando a argúcia dos estadistas mundiais.

A O.N.U. sente-se impotente para resolver os casos que se apresentam no panorama internacional.

Desejam os países da América reivindicar territórios cedidos ou conquistados?

O domínio económico e cultural exercido por certos países sobre outros mais fracos, deixa dúvidas sobre as suas intenções.

Os governos fascistas com suas ambições de conquista e de glórias fáceis, levam-nos a concluir que, tão logo estejam militar, económica e politicamente preparados, tentarão com uma coligação com os demais, executar as conquistas terri-

toriais e impor a paz, que será pedida depois de atingido o seu objetivo econômico-geográfico.

Enquanto contemplamos os incidentes da política internacional, confiamos na política de boa vizinhança, sem nos prepararmos para a luta que se vislumbra no horizonte.

As nações, como os mortais, necessitam de um farol que lhes alumie na incerteza e guie seus esforços, em suma: de um Objetivo Político Nacional.

O objetivo de Guerra é sempre derrotar o inimigo.

Exemplo:

Na 2ª Guerra Mundial, Franklin D. Roosevelt precisou o *Objetivo Político Nacional* dos Estados Unidos ao afirmar: "assim o faço pela liberdade do Mundo e segurança do nosso Continente".

O objetivo era, entretanto, derrotar as potências militares alemã e japonesa.

O Presidente Truman, em sua recente mensagem ao Congresso, assim se expressou:

"Nossa superioridade geográfica desapareceu com o advento da bomba "robot", da bomba foguete, dos porta-aviões e dos exércitos transportados pelo ar. A garantia mais segura para que nenhuma nação se atreva novamente atacar-nos é prosseguirmos poderosos com a única força, que um agressor pode compreender: O Poderio Militar."

"As investigações científicas, os novos materiais e as novas armas não bastarão para conter um poderoso inimigo. Devemos ter homens adestrados para a defesa. Os progressos tecnológicos não eliminaram a necessidade do homem adestrado.

As autorizadas palavras de um dos Grandes que conduziram a vitória ao pórtico da paz, nos evidenciam que a segurança de uma nação para rechaçar uma agressão externa depende de uma preocupação de governantes e governados, soldados e cidadãos e muito especialmente "dos Serviços que praticamente podem prestar todos os va-

rões fisicamente capazes e em idade militar".

"A bomba atômica tem pouco valor sem um adequado exército, marinha e aeronáutica."

Há pois, duas necessidades imperiosas para garantir a segurança de uma nação:

a) Ordem de urgência de seus preparativos, das aquisições e das vias de comunicações que permitam desenvolver todo o potencial das Forças Armadas.

Em suma: Um "PLANO DE DEFESA NACIONAL".

b) Conjunto de previsões de toda ordem para pô-lo em execução imediata no início do conflito, com o fim de alcançar o objetivo ou objetivos políticos que se procuram por meio da força, ou seja um "PLANO DE GUERRA".

O Plano de Defesa Nacional é o programa de conjunto, e em ordem de urgência, de todas as atividades e aquisições necessárias durante o período de paz, para pôr as forças totais do país, em condições capazes de enfrentar uma luta. Suas características essenciais são: Ser único, ter sua progressividade condicionada a uma ordem de urgência e ser desenvolvido antes da luta.

Em nosso país competem ao Presidente da República as atribuições e direção da Política de Guerra, tendo como consequência lógica o Plano de Guerra, que também é da sua alçada.

O Plano de Guerra é preparado também na paz, sob o fundamento de uma doutrina de guerra, contém o modo como o governo fixa o objetivo da guerra, para o mais acertado emprego das Forças Armadas em caso de beligerância.

Em consequência do Plano de Guerra surgem os Planos Militares, atribuição do Estado-Maior das Forças Armadas e o Plano de Mobilização Nacional, incumbência do Conselho de Segurança Nacional, do qual fazem parte integrante todos os Ministros de Estado e outras autoridades especiais.

Os Planos Militares afetam ao Exército, Marinha e a Aeronáutica, através de seus respectivos Estados-Maiores.

Dos Planos

— Plano Militar

— Plano

— Plano

do Interior

— Plano

diferentes r

Deste Pla

Operações

o primeiro

dante da Z

do Comand

Do Plano

nal surgem

ção Polític

e o Plano

mica, atrib

Civis.

O Plano

elaborado pe

termina:

— fins po

guerra;

— advers

— objetiv

teatro de op

— forças

— cooper

e navais e d

o caso;

— coord

versos teatro

— mobiliz

— ação di

O Plano d

documento

conjunto de

rados:

— plano d

cos.

Um Plano

nal deve con

— Um Pla

terna;

— Um Pla

terna;

— Um Pla

dustrial e Co

— Um Pla

— Um Pla

Dos Planos Militares surgem os :

- Plano de Mobilização Industrial Militar ;
- Plano de Produção Militar ;
- Plano de Organização da Zona do Interior ;
- Plano de Campanha, com as diferentes hipóteses (A, B, C, etc.).

Dêste Plano surgem os Planos de Operações e o Plano de Manobra, o primeiro atribuição do Comandante da Zona Militar e o segundo do Comandante do Exército.

Do Plano de Mobilização Nacional surgem os Planos de Mobilização Política Interna e Externa e o Plano de Mobilização Econômica, atribuições dos Ministérios Cíveis.

O Plano de Guerra, documento elaborado pelo Governo Federal determina :

- fins políticos visados pela guerra ;
- adversário ou adversários ;
- objetivos geográficos em cada teatro de operações ;
- forças a opor em cada teatro ;
- cooperação das forças aéreas e navais e das forças aliadas, se fôr o caso ;
- coordenação das ações nos diversos teatros ;
- mobilização ;
- ação diplomática.

O Plano de Operações não é um documento único e compreende o conjunto de planos abaixo enumerados :

- plano de informações ;
- plano de manobra ;
- plano de reunião das tropas ;
- plano de cobertura ;
- plano de transportes ;
- plano de emprêgo dos Serviços.

Um Plano de Mobilização Nacional deve conter :

- Um Plano de Política Externa ;
- Um Plano de Política Interna ;
- Um Plano de Mobilização Industrial e Comercial ;
- Um Plano Econômico ;
- Um Plano Financeiro ;

— Um Plano de Propaganda visando a guerra Psicológica.

A preparação dos diferentes planos estão a cargo :

- Do Ministério das Relações Exteriores :
 - o plano de Política Internacional.
- Do Ministério da Justiça e Negócios Interiores :
 - o plano da Política Interna.
- Dos Ministérios do Trabalho, Indústria e Comércio e da Agricultura :
 - o plano de Mobilização Industrial, Comercial e Agrícola.
- Do Ministério da Fazenda :
 - os planos Econômico e Financeiro.
- Do Ministério da Justiça :
 - os planos de Propaganda e de preparação e guerra psicológica.

O General Giovanelli assim se expressa :

"é imperioso que os civis, destinados a ocupar altos cargos no Governo, no Congresso, nos diferentes ramos da administração, na indústria, economia e finanças, tenham um conhecimento claro, exato e completo dos problemas relacionados com a Defesa Nacional."

O Exmo. Sr. General Cordeiro de Farias, em sua palestra na E.E.M., frisou a lição de guerra total, na seguinte síntese :

"A última Grande Guerra teve como aspecto característico o emprêgo em massa levado ao extremo de suas atividades, da totalidade dos recursos morais, humanos e materiais das nações que nela a fundo se empenharam."
"A vitória coube aos que mais recursos possuíam e a eles souberam imprimir uma planificação mais lógica e mais racional."

Referiu-se à "cooperação do esforço de todos, em benefício da Na-

ção, e também à "extensão" do perigo da guerra a toda a superfície do país".

"Em consequência, surge a participação de "todos" na luta armada ou na clandestina, cuja aplicação organizada, por todos os beligerantes, constitui uma normalidade peculiar do último conflito.

Desses três fatores, cooperação de "todos", para o esforço de guerra, perigo para "todos" no caso de um conflito e possibilidade de "todos" serem transformados em combatentes ativos, nasce uma maneira nova de se encarar a guerra e em consequência, a mobilização que passará da fórmula clássica de mobilização geral para a de mobilização total e da qual de "mobilização militar" é simplesmente uma das partes, um dos ramos, uma das facetas."

MOBILIZAÇÃO TOTAL

Diz o mesmo General, "pensadores militares dividem a mobilização total em quatro partes: 1) Mobilização moral do país e ataque ao moral do adversário, o que corresponde à chamada guerra psicológica. 2) Mobilização da produção e ataque à produção inimiga, o que corresponde à guerra econômica. 3) Mobilização das amígdalas exteriores o que corresponde à guerra diplomática.

Trata-se, em suma, de ter uma política exterior segura e organizar, conseqüentemente, suas Forças Armadas de acordo com os compromissos dela decorrentes. 4) Mobilização militar, subdividida, para maior clareza, em mobilização das Forças Armadas propriamente ditas e mobilização para pôr em condições de segurança a totalidade da população. Ampliação do conceito das "Forças Territoriais", seja para proteger contra "todos" os perigos, seja para lhes permitir participar do combate ou da resistência no caso de invasão."

PRENÚNCIOS DE NOVA HECATOMBE

"Vive-se hoje "a guerra fria" que prenuncia nova hecatombe."

Nessa situação, a nenhuma Nação, ciosa de sua soberania, é lícito deixar de encarar a realidade dos dias que correm e de se preparar, na medida de suas possibilidades, para lutar pela sua sobrevivência, examinando com maior acuidade as hipóteses sobre a guerra futura.

SEGURANÇA NACIONAL

Na situação atual do mundo, vive o Brasil, membro da O.N.U. e signatário do Tratado Interamericano de Assistência Mútua, numa posição relativamente vulnerável.

"Precisamos preparar-nos para a eventualidade da terceira guerra mundial, o que é uma consequência do panorama internacional, uma política de autodefesa, um imperativo da nossa soberania e do nosso espírito de sobrevivência. Viver despreocupadamente deste problema, num mundo que não se entende, é ter uma mentalidade suicida."

"A defesa nacional não é propriedade exclusiva, nem incumbência peculiar dos homens de farda, mas sua responsabilidade deve ser compartilhada pelo trabalho, pelo capital, pela agricultura, pela indústria e por outros grupos que contribuem para o mosaico nacional."

"É preciso que nesse sentido se evolua e se compreenda que nos dias que correm "a nação organizando-se para a guerra, está, também, preparando-se para uma vida melhor."

Que é a guerra ?

"A guerra é uma contenda entre grupos sociais de interesses opostos". O que parece constante é o elemento interesse.

As primeiras guerras nasceram do roubo, — pela resistência do espoliado ao espoliador.

Se hoje não se fazem guerras para escravizar o braço humano (e isto é discutível: os alemães na Rússia), fazem-se para conquistar alimentos, matérias primas, combustível ou mercedos de expansão econômica, — seja em nome dum excesso de população, seja em nome

de propósitos humanitários e civilizadores.

É a guerra inevitável?

A História diz-nos que o fenómeno da belicosidade humana é o mais exclusivamente humano de todos os fenómenos. De resto, compreende-se que o aumento de poder dum povo só é possível à custa do abatimento do poder de outros povos e que, pela própria essência de soberania nenhum povo abdica da ideia de afirmar e aumentar o seu poder, fácil será concluir pela inevitabilidade da guerra.

A guerra é a realidade — realidade das mais graves na vida dum povo.

A guerra total não visa apenas as Forças Armadas, mas também, as populações. Esta é uma verdade inexorável, inevitável, e todos os meios de combate estão de acordo com esta verdade e sempre se deverão adaptar-lhe.

Assim surge a noção de guerra total: a luta por todos os meios interessando a todos.

Quando se atenta para os aspectos atuais da civilização, e para o jogo de interesses criado pela indústria moderna e se pensa nas teorias ideológicas em que esteiam as novas guerras, perigosamente destruidoras, é fácil concluir que a noção da guerra total não fica restrita de modo algum ao mero âmbito das guerras nacionais. Vê-se facilmente a impossibilidade de ficar um povo alheio aos acontecimentos que se passam em seu continente, porque esse alheamento pode tornar-se um foco de perigo para os interesses dos demais.

A guerra é sempre internacional, basta olhar-se um mapa-múndi para ver que todo o planeta é mais ou menos interessado num conflito em que se envolva a Grã-Bretanha.

A MOBILIZAÇÃO INTEGRAL

A Mobilização é o conjunto de medidas necessárias à reunião dos meios, o que dá lugar a passagem, do estado de paz para o de Guerra, de todos os meios existentes em uma Nação.

A Mobilização total pode ser subdividida em função dos seus principais domínios em:

1º. A MOBILIZAÇÃO MORAL do país e o ataque ao moral do adversário, correspondendo ao que se chama de "guerra psicológica", chave do espírito de resistência, e cuja obra essencialmente política, incumbe ao Governo e aos órgãos de informação (D.N.P.).

Esta forma de luta foi objeto, nesses últimos anos, de técnicas muito precisas e especializadas, que devem ser estudadas e postas em ação com método e preparação prévia.

Os russos estão pondo em prática a guerra fria combatendo o plano Marshall e o abastecimento da Alemanha. A campanha pró-paz e o congresso de intelectuais são os dois processos mais recentes.

2º. MOBILIZAÇÃO DA PRODUÇÃO, tão necessária em nosso país, onde a produção de géneros alimentícios não é suficiente para o abastecimento em tempo de paz e a mesma vem decrescendo com o exódo das populações rurais para as cidades; e o ataque à produção do adversário, correspondendo ao que se denomina de "guerra económica". Esta mobilização visa não somente a produção necessária às Forças Armadas, como ainda aos racionamentos do consumo e à racionalização da produção civil, a fim de desembaraçar o máximo de efetivos em prol do combate.

A planificação de guerra, tal como logrou êxito por métodos diferentes tanto na Rússia, na Alemanha, na Inglaterra, como nos Estados Unidos, demanda previsões feitas com antecedência e uma legislação especial completa sobre o assunto.

3º. A MOBILIZAÇÃO DE AMIZADES EXTERIORES, correspondendo à chamada "guerra diplomática". Trata-se de orientar e de vivificar a ação diplomática segundo concepção que considere as realidades económicas e estratégicas, tendo em mira a segurança do país.

4º. Enfim, a Mobilização Militar correspondente à preparação para

a luta armada, necessita da cooperação de toda a Nação.

Compreende a mobilização das Forças Armadas e colocação de toda a população em estado de defesa quer para protegê-la contra todos os perigos, quer para permitir-lhe participar do combate ou da resistência, em caso de invasão. (Guerrilheiros, e outras organizações subterrâneas).

É preciso que a Nação esteja preparada para a possível passagem do tempo de paz para o de guerra, a fim de evitar surpresas prováveis como em "Pearl-Harbor".

Na guerra futura é certo que a tendência será para suprimir o intervalo existente entre a declaração de guerra e o início das operações, originando-se assim, as guerras não declaradas, onde o período clássico de mobilização é imperceptível.

Toda a preocupação que tivermos em organizar com cuidado a Mobilização, será no futuro, o melhor seguro para a defesa de nossa pátria.

É preciso que a Mobilização apresente as características seguintes:

— Seja integral e devidamente regulada, com todos os detalhes previstos, em todo o âmbito nacional;

— que seja instantânea e imediata;

— rapidez, segredo e segurança;

— que todos os homens válidos, sem distinção social, sejam mobilizados;

— que se estabeleça a relação do pessoal técnico (destino especial) indispensável às indústrias, à lavoura, comércio, transportes, etc., para que continuem realizando as tarefas próprias de sua especialidade — (trabalho das Diretorias Técnica e de Produção e D.G.A.) — mobilização da mão-de-obra, em ligação com as C.R.;

— aproveitamento de todos os recursos materiais existentes no país.

A PROTEÇÃO NACIONAL — DEFESA CIVIL

Espécie de defesa passiva amplificada, que vai necessitar de meios consideráveis, em face à potência

de destruição das armas atuais, deve ser normalmente e intimamente ligada à organização da interceptação aérea.

Organização da autodefesa dos pontos sensíveis, isto é, não somente das posições, zonas, instalações e depósitos interessantes do ponto de vista estratégico, como também de todas as organizações que tenham importância quer do ponto de vista político, quer da produção.

A autodefesa deverá realizar permanentemente: a proteção, isto é, a guarda desses pontos sensíveis, e, em caso de invasão, a autodefesa deverá iniciar a organização da resistência interior, mediante a constituição de redes de arame farpado, destruições e de guerrilheiros.

Os efetivos para autodefesa só podem ser obtidos pela mobilização local das populações inspiradas na "HOME GUARDE" e na "DEFESA CIVIL" americana.

As engrenagens do Governo e da vida econômica dum país dependerão das medidas eficazes de defesa civil.

A nação que se descuidar dessa consideração, ver-se-á arrastada para a desorganização completa de sua vida, para a perda de todo o controle e para o caos, que se seguirá inevitavelmente.

Numa guerra futura, a população não combatente será, sem dúvida alguma, submetida a sofrimentos bem superiores aos que suportou. A responsabilidade de cada soldado é, evidentemente, de importância capital; eis por que é natural e justo que nós outros, soldados, nos interessemos. Devemos, todavia, compreender bem a íntima relação existente entre a defesa civil e as unidades combatentes, e devemos estar prontos para representar o papel auxiliando as autoridades civis ao primeiro apelo.

Na Inglaterra, são instruídos todos os soldados em matéria de defesa civil, e mais, certas unidades conservam-se prontas, como reservas móveis, para auxiliar as autoridades da defesa civil onde e quando forem chamadas.

Cumpra preparar o aprestamento das forças territoriais.

As
tituin
ção l
de m
nenci
e pro
funci
toriai
terres
desori
de per
media
ção, d
a trab
de ata
correr
Nota
mobili
ciada,
e os p
para a
Militar
Isto
leis qu
Em r
ao pres
missão
clusão
ter uma
tar sub
litares,
missão
combate
O
As re
o fator
lização
qualque
material
houver
com efie
de uma
fábricas
mineraçã
transport
mia civil
as Força
O hom
mental d
Em ten
humanas
O valor d
cial bélic
do vulto,
e sexo e
lação, do
idade de t

As forças territoriais devem constituir-se de unidades de mobilização local: estas serão organizadas de maneira a fornecer as permanências suficientes para a guarda e proteção de zonas sensíveis e do funcionamento dos serviços territoriais da defesa aérea, costeiras e terrestres, sem que, para isto, se desorganize a produção. Em caso de perigo, esses meios se reforçarão mediante o alistamento da população, da qual uma fração continuará a trabalhar, enquanto que, em caso de ataque, todos os reservistas concorrerão para a defesa.

Notam-se as interferências desta mobilização total, embora diferenciada, com a própria vida da região e os problemas que daí resultam para as relações entre o Comando Militar e as Autoridades civis.

Isto tudo deve ser regulado em leis que deverão ser votadas.

Em relatório recente apresentado ao presidente Truman, por uma comissão especial, chegou-se à conclusão de que a Defesa Civil deve ter uma estrutura nova e ainda estar subordinada às autoridades militares, para poder cumprir a sua missão e ser auxiliada pelas forças combatentes.

O POTENCIAL HUMANO

As reservas humanas constituem o fator mais importante da mobilização econômica e militar de qualquer nação, as máquinas e o material de nada servem se não houver homens para manejá-los com eficiência. O potencial humano de uma nação é necessário para as fábricas; para agricultura; para mineração, a manufatura e os transportes; para manter a economia civil e, finalmente, guarnecer as Forças Armadas.

O homem é o instrumento fundamental da guerra.

Em tempo de guerra, as reservas humanas saem de sua população. O valor do fator humano do potencial bélico de uma nação depende do vulto, da distribuição por idade e sexo e do crescimento da população, do número de indivíduos em idade de trabalhar e lutar; da dis-

ponibilidade e produtividade de sua mão-de-obra.

Não se falando nas limitações evidentes de idade e do sexo, a habilidade, a inteligência, o nível de educação e a saúde são fatores de importância primordial tanto para as Forças Armadas quanto para a capacidade industrial da nação.

O valor do nosso homem depende de dois fatores: Saúde e alfabetização, ambos prejudicam grandemente qualquer cálculo estatístico que se queira fazer com relação à mobilização do pessoal.

CONCLUSÃO

Afirmamos que, principalmente os países de fraco potencial econômico devem dar prioridade à manutenção de uma aviação, de uma marinha e de um exército fortes, bem aparelhados e constantemente atualizados. Eles garantirão, pelo domínio do ar, do mar e das fronteiras, a melhor cobertura para serem em situação de alerta as suas organizações de guerra.

Deve-se dar maior amplitude ao Serviço Militar Nacional e obrigatório, que assumirá aspecto verdadeiramente democrático, sem haver as dispensas odiosas e os excessos de 3ª categoria.

Que a maior das nossas necessidades implica em proceder conforme uma *diretriz nacional única*, com perfeito conhecimento de causa, com resolução firme e persistente capaz de alcançar todos os resultados possíveis, rápida e economicamente. Nenhuma solução se obterá satisfatoriamente se as questões a tratar não forem subordinadas a uma idéia de conjunto nitidamente formulada cuja realização se busque mediante um plano largamente concebido a ser executado segundo um método adequado às realidades brasileiras.

Há de abranger o conjunto de questões referentes ao aperfeiçoamento do homem e à conveniente utilização da terra.

Não se pode mais, dadas as condições do mundo moderno, dividir a Nação em Forças Armadas e Civis. Toda ela tem que ser militar, tem que ter uma atividade militar,

estar pronta para desempenhar seu papel na guerra. Quer dizer que devem estar todos *instruídos* e em estado de treinamento correspondente ao papel que lhes é reservado desempenhar. Devem todos ter rigorosos hábitos de disciplina, mas disciplina de fundo, prenehe de iniciativas.

A Defesa Nacional, na guerra moderna deve considerar principalmente:

- 1) Que enquanto não se modificar a natureza humana, a guerra, como fenômeno social, é inevitável.
- 2) Que só podemos ter garantia de paz enquanto formos fortes, mesmo a despeito do nosso espírito pacifista.
- 3) Que a Mobilização Nacional não pode improvisar-se. Tem que ser prevista e preparada nos seus mínimos detalhes.
- 4) Objetivo Político definido.
- 5) Ministério de Defesa Nacional que centralize e coordene a ação dos três Ministérios Militares.
- 6) Que a nossa Lei Fundamental de preparo do país para guerra seja atualizada.
- 7) Que seja aprovada a Lei de Requisições.
- 8) Que seja organizado o Conselho de Defesa Nacional.
- 9) Que seja previsto e organizado desde o tempo de paz o Comandante-Chefe.
- 10) Que sejam criados a Escola de Alto Comando e os Cursos de Altos Estudos.
- 11) Que seja organizada uma cobertura sólida e materialmente capaz de deter um exército invasor moderno.
- 12) Que seja organizada a Defesa Civil, nos moldes da dos Estados Unidos.
- 13) Que se incremente a exploração do Xisto Betuminoso para a conseqüente extração do Petróleo.
- 14) Que se colonizem as nossas fronteiras com brasileiros.
- 15) Que sejam organizados os postos de vigilância nas fronteiras.
- 16) Que seja ativada a Produção.
- 17) Que seja organizado e prevista a Economia de Guerra.

18) Que seja preparada a Mobilização industrial e agrícola.

19) Que seja prevista e preparada a guerra psicológica.

20) Que seja incrementada a Remonta Nacional.

21) Que sejam ampliados os meios de transportes ferroviários.

22) Que se trate da eletrificação das vias-férreas.

23) Que esteja prevista a Mobilização da mão-de-obra.

24) Que seja abordado o problema do reabastecimento nacional.

25) Que sejam ampliadas as redes das vias-férreas e rodovias.

26) Que seja aumentada a frota marítima.

27) Que sejam multiplicados os Campos de pouso.

28) Que sejam criados novos Aéreo-Clubes.

29) Que sejam organizadas as reservas instruídas para as Forças Armadas.

Em síntese, não temos ambições imperialistas.

Não pretendemos reivindicar um palmo de território alheio. Não desejamos nos envolver na política interna de qualquer país. Não é nossa intenção submeter o Continente ao domínio da nossa vontade e exercer, na América do Sul, o papel de senhor e guia das outras nações. Nada nos leva a uma política agressiva. Nenhuma hostilidade alimentamos contra os nossos vizinhos. Nenhum deles terá que temer coisa alguma da nossa parte. Dos mais fracos aos mais fortes, podem todos continuar tranquilos dentro das suas fronteiras, que a nenhum iremos tirar o sossego.

Do nosso pacifismo inúmeras são as provas. Mas na situação atual do mundo há sempre que contar com a loucura de alguém. A paz ainda não se firmou entre as nações da Europa porque a Rússia não a deseja. A sua política tem sido, até hoje, de franca provocação e de má vontade contínua.

Queiramos ou não queiramos, seja qual for o quilate do nosso pacifismo, o certo é que não podemos viver de braços cruzados a contemplar a paisagem e a celebrar as

nossas
que esta
traço
sagrado
mar a
nossos p
so exer
todos.

A situ
como pa
rem ver
solu
solu
convide
(Trecho
de São

Vinda
lutar se
hor mo
idéia é
morte.

"O E
Pereira

A fim

Biciclet
Encera

RUA

Filial:

nossas maravilhas naturais. Temos que estar prevenidos contra assaltos traiçoeiros. O direito de defesa é sagrado. Ninguém nos poderá chamar a contas nem desconfiar dos nossos propósitos se nos dedicarmos ao exercício desse direito que é de todos.

A situação internacional não é, como parece a muitos que não querem ver, de uma tranqüillidade absoluta, de uma tranqüillidade que convide ao repouso e à indiferença. (Trecho de um artigo do "Estado de São Paulo", de 7-I-949).

Vinda a guerra é preciso lutar; lutar seja com o que fôr e do melhor modo possível. Fora dessa idéia é aceitar antecipadamente a morte.

BIBLIOGRAFIA

- A Guerra Total — do General Ludendorff.
 A Compreensão da Guerra — do Cel. J.B. Magalhães.
 Coletânea N. 1 — da E.E.M.
 Mobilização Econômica — Major I.E.D. Paranhos Antunes.
 A Defesa Nacional — Ns. 390 e 391, de 1946.
 A Defesa Nacional — N. 392, de 1947.
 A Defesa Nacional — N. 399, de 1947.
 Military Review — N. 4, de 1948.
 A Defesa Nacional — N. 402, de 1947.
 A Defesa Nacional — N. 411, de 1948.
 A Defesa Nacional — N. 418, de 1949.

OFERTAS À NOSSA BIBLIOTECA

"O EXÉRCITO — A IGREJA E A NAÇÃO", pelo Coronel Rinaldo Pereira da Câmara.

AGRADECEMOS.

AOS SRS. MILITARES

A fim de facilitar à classe militar, lançamos o seguinte plano que tem repercutido favoravelmente

EIS AS VANTAGENS DO NOSSO SISTEMA

- 1º VENDEMOS EM 10 PRESTAÇÕES
- 2º NÃO EXIGIMOS ENTRADA NEM FIADOR
- 3º ENTREGAMOS IMEDIATAMENTE O ARTIGO

São os seguintes os nossos artigos:

Bicicletas, Ventiladores, Rádios, Rádios Pilha, Aspiradores de Pó, Enceradeiras Elétricas, Rádio-Vitrola Automática, Máquinas de Costura, Máquinas Fotográficas, Relógios

Facilitamos, para demonstração, no trabalho ou na residência de V.S.

CASA NENO

RUA DO NÚNCIO, 7

TELEFONE 22-7586

Filial: Rua Buenos Aires, 151, 1º andar — Telefone 43-7778